

O POEMA 5.12 DE RUFINO UMA PROPOSTA DE TRANSCRIÇÃO POÉTICA

Rodrigo Bravo¹

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte²

Resumo: Este artigo pretende demonstrar como a semiótica greimasiana, método estruturalista de análise do discurso, pode ser uma ferramenta útil não só para a compreensão da geração do sentido, mas também para a reconstrução deste em um novo registro, i. e., sua tradução. Seguindo as diretrizes metodológicas de Hjelmslev, naquilo que tange o princípio do empirismo nas ciências da linguagem (cf. *Prolegômenos a Uma Teoria da Linguagem*, pp. 11-13; 22-25), a exposição dos argumentos teóricos aqui propostos será demonstrada por sua aplicação direta. Deste modo, será feita uma tradução comentada do poema 5.12 do poeta grego Rufino, a fim de que se demonstre o funcionamento do método.

Palavras-chave: epigramática grega, semiótica greimasiana, tradução, literatura, poesia.

Abstract: This article intends to demonstrate how greimasian semiotics, a structuralist method of discourse analysis, can be a useful tool, not only for comprehending the generation of meaning, but also for its reconstruction in a new registry, i. e., its translation. Following the methodological guidelines laid out by Hjelmslev (cf. *Prolegômenos a Uma Teoria da Linguagem*, pp. 11-13; 22-25), regarding the principle of empiricism in the sciences of language, the exposition of the theoretical arguments hereby proposed will be demonstrated by direct application. Thus, a commented translation of the poem 5.12 by the greek poet Rufinus will be made, aiming to demonstrate how the method works.

Keywords: greek epigrammatic poetry, greimasian semiotics, poetic transcreation, translation, poetry.

1. Introdução

Pouco famoso e deveras obscuro são os adjetivos que podem ser atribuídos a Rufino, poeta grego que viveu na antiguidade tardia e compôs trinta e oito epigramas constantes da Antologia Palatina³ – *corpus* definitivo da epigramática grega. Além dessas duas informações, nada se sabe sobre ele: suas inspirações e aspirações, suas ideias e opiniões, todas restam para sempre perdidas no passado. Isto seria desanimador para uma parte dos pesquisadores da lírica grega, como Walther Ludwig que, em seu texto *Plato Love Epigrams*⁴, dá um exemplo de análise biográfica especulativa acerca

¹ Bacharelado em Letras (Grego-Latim) pela Universidade de São Paulo.

² Professor do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo.

³ SMITH, William. *A dictionary of Greek and Roman biography and mythology*. Vol III. p. 668

⁴ cf. LUDWIG, Walther. *Plato's Love Epigrams*. Palestra dada na Universidade de Colúmbia em

da autoria real dos epigramas eróticos atribuídos a Platão. Ainda que estas abordagens sejam comuns nos estudos dos clássicos, elas não conseguem dar conta do objeto da lírica enquanto fenômeno discursivo, e aproximam-se muito mais da arqueologia do que de um estudo eminentemente linguístico.

O mesmo motivo que representaria uma grande insatisfação por parte dos biografistas, isto é, a carência de dados concernentes à vida do autor dos poemas, passa despercebido e não surte grandes efeitos quando a lente utilizada para estudar o poema é a da semiótica. Através dela é possível desvendar as estruturas internas dos atos enunciativos e desnudar a relação que o discurso poético realiza por excelência: a projeção do plano de conteúdo no plano da expressão⁵ e sua indissolubilidade.

Uma outra função da semiótica enquanto ferramenta de análise que deve ser explicitada e estudada a fundo é a precisão e a eficácia que ela garante ao trabalho da tradução, pois uma vez reconhecidos e identificados os percursos de geração do sentido em determinado discurso, mais fácil se torna o trabalho de recriar estes elementos num outro sistema de signos verbais. Partindo do princípio que toda tradução deve se reconhecer enquanto uma perda em relação ao texto original, a semiótica fornece ao tradutor uma linha guia mais segura para que ele escolha que aspectos do discurso serão recriados e quais serão, infelizmente, abandonados.

Desta forma, este artigo busca propor uma análise detalhada do poema 5.12 de Rufino embasada na semiótica greimasiana e nos dispositivos da tensividade de Zilberberg e Fontanille⁶ para, então, recriá-lo em língua portuguesa a partir dos dados colhidos. Periféricamente a estes objetivos, este artigo também busca solidificar e enriquecer a pesquisa em estudos semióticos e tradutológicos. É importante frisar que não se deseja aqui realizar uma tradução perfeita – tarefa praticamente impossível – mas sim demonstrar a validade de *uma* dentre várias propostas diferentes na arte da transcrição poética, uma proposta exclusivamente semiológica que operará somente com os mecanismos constitutivos do discurso.

22/03/1963; Disponível em: <grbs.library.duke.edu/article/download/12091/401312>

5 cf. JAKOBSON, Roman. *Linguística e Poética*. In: JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. p. 150 e seguintes.

6 cf. FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e Significação*

2. Análise

[Rufino – Antologia Palatina 5.12]

“Λουσάμενοι, Προδίκη, πυκασώμεθα, καὶ τὸν ἄκρατον
ἔλκωμεν, κύλικας μείζονας αἰρόμενοι.
βαιὸς ὁ χαιρόντων ἐστὶν βίος· εἴτα τὰ λοιπὰ
γῆρας κωλύσει, καὶ τὸ τέλος θάνατος.”

[Tendo nos banhado, Pródice, corremo-nos, e o vinho
puro bebamos, levantando maiores taças. Curta é a vida
dos que gozam: então, no fim, a velhice e a morte
impedirão o que nos resta]^{7 8}

De plano, quando se empreende uma leitura *en passant* do poema acima, evidencia-se que se trata de um par de dísticos elegíacos – coerção de gênero formal comum da epigramática grega do período helenístico – verso composto de um hexâmetro seguido de um pentâmetro datílico. A temática que ele desenvolve também se encontra dentro do esperado: trata-se de um poema que versa sobre o convite ao amor. Nesta modalidade é comum encontrar um enunciador – quase sempre um homem mais velho – que enaltece a beleza do *convivium* de amante e amado, depois lançando um vaticínio terrível ao segundo: caso ele não se entregue ao amor, logo virá a morte, por vezes representada pela figura da velhice e do decaimento das funções corporais, que acabará com a capacidade de ambos auferirem os prazeres da carne. É comum que a poesia epigramática trabalhe com variações⁹ sobre o mesmo tema, substituindo por vezes o foco narrativo¹⁰ da enunciação, o objeto, ou a quantidade de versos. Pode-se dizer, assim, que antes de ser um gênero poético que inova no assunto, a epigramática

7 Tradução livre, com o objetivo de facilitar a compreensão do texto original.

8 Obs: a expressão *tà loipá* pode, além de ser o objeto do verbo *kolúsei*, ter função adverbial na gramática grega, o que resultaria em uma tradução como “*então, no [tempo] que resta, a velhice e a morte [nos] impedirão (...)*”. Esta possibilidade de tradução, no entanto, não foi adotada aqui, mas mencionada como alternativa de leitura válida.

9 “This practice of *variatio*, of taking the themes and motifs of one poem and turning them into something related but different, was an integral part of the attitude of Hellenistic poets toward their tradition. For just as they adopted and then altered the conventions of inscriptions and earlier love poems that together provided the framework for their verse, so they took up and modified the epigrams of other poets. Because they were so acutely aware of their literary tradition, we too must attempt to learn as much as we can about it so that we can understand the context in which their poems were written.” FAIN, Gordon. *Ancient Greek Epigrams*. pp. 21-22

10 Para exemplos: cf. epigramas 5.79 e 5.80 atribuídos a Platão in: PATON. W. R. *The Greek Anthology*. pp. 166-197

grega – juntamente de grande parte da lírica clássica – é uma poesia que possui um pendor muito maior no engenho do autor e na emulação de modelos prévios.

Dado que o engenho formal é uma função prioritária pela qual o gênero epigramático se organiza, propõe-se realizar esta análise por meio da revelação de elementos grandiosos que foram “escondidos” dentro deste pequeno poema em seus múltiplos níveis de manifestação. A esta capacidade da poesia epigramática de reter inúmeros elementos discursivos dentro de uma unidade mínima da enunciação dá-se o nome de *condensação*¹¹, presente também em gêneros brevíssimos como o *haiku* e o *tanka*.

Observando primeiramente o nível fundamental do plano de conteúdo, o poema apresenta claramente uma oposição entre os valores semânticos de *vida* e *morte*, sendo que se inicia por uma afirmação da vida, marcada pela sucessão de exortações no subjuntivo (*pykasómetha* – *coroemo-nos*; *hélkomen* – *bebamos*) e a interposição de um particípio presente (*airoménoi* – *levantando*), conteúdos verbais que dotam o discurso de sucessividade e ação. Em seguida, a advertência do enunciador (*baiòs estìn hó khairónton bíos, eíta tà loipà gêras kolúsei*) nega a vida estabelecida nos primeiros versos, desembocando na fala final que afirma a morte (*kai tò télos thanátos*). O caminho vida > não vida > morte é aparentemente estático quando organizado pelo raciocínio do quadrado semiótico, mas há nele uma nuance de dinamicidade que se explicará através da construção espaço-temporal tensiva que será feita mais adiante.

É esperado que estas relações opositoras não só estejam marcadas no plano do conteúdo, mas também no plano da expressão. Atentando-se às quantidades de verbos e substantivos presentes no primeiro e no segundo dístico, ver-se-á que estas estão dispostas de maneira inversamente proporcional: ao passo que o primeiro dístico possui três substantivos e quatro lexemas verbais (entre particípios e verbos de fato) de conteúdo semântico dinâmico, o segundo apenas apresenta dois verbos de conteúdo semântico estático, sendo que o único verbo que configura um enunciado de ação é o verbo impedir (*kolúsei*)¹². Neste dístico, de maneira proporcional, a quantidade de substantivos e de enunciados de estado é muito maior (dois enunciados de estado e quatro substantivos). Assim, torna-se clara a associação entre a oposição semântica de vida/morte à oposição de continuidade/descontinuidade, ou, em termos tensivos,

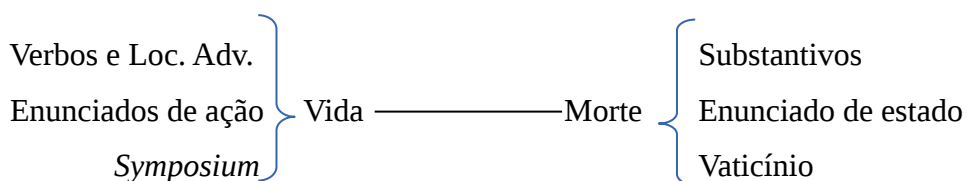
11 LAURENS, Pierre. *L'Abeille dans L'Ambre*. p. 10

12 Ainda sobre o segundo dístico: no poema original, o particípio *khairónton* também pode ser interpretado como tendo natureza verbal. Aqui, no entanto, sua função nominal como locução adjetiva de *bíos* dilui o que lhe havia de fluido e fixa seu significado estático.

aceleração/desaceleração.

Naquilo que tange o nível sintático da manifestação do discurso, retomando o que já foi analisado acerca da disposição dos enunciados verbais, há que se falar da presença de uma instância de semissimbolismo¹³ significativa na relação entre os enunciados de ação e estado presentes no primeiro e no segundo dístico, respectivamente. Ao passo que, no primeiro, encontram-se dois enunciados verbais (*pykasómetha; hélkomen*) e duas locuções adverbiais (*lousaménoi; airoménoi*); no segundo fazem-se presentes apenas um enunciado de ação (*géras kolúsei*) e dois de estado (*báios hó khairónton estín bíos/kaì tò télos thánatos*). Como já se definiu que o primeiro dístico é a sede da afirmação da vida, e o segundo é sua negação seguida da sede da afirmação da morte, pode-se traçar um paralelo isotópico também entre *vida/enunciados de ação* e *morte/enunciados de estado*. Quanto à temática que os versos expõem, evidencia-se a presença de duas *isotopias*¹⁴: no primeiro dístico, os atos de se banhar, coroar-se, beber e erguer taças podem ser associados à tópica do *symposium* – facilmente associada aos valores de vida que o poema encerra em si; no segundo, de maneira oposta, uma nova isotopia se constrói na advertência (*curta é a vida dos que gozam*) na menção da velhice e da morte enunciadas por um verbo no futuro (*kolúsei*), o que configura a tópica do *vaticínio*, associada aos valores de morte.

Finda a análise preliminar das relações entre plano da expressão e plano do conteúdo, é possível organizar os dados levantados até aqui no seguinte esquema:



13 Segundo Diana Luz Pessoa de Barros, o semissimbolismo se configura quando “uma categoria da expressão, não apenas um elemento, mas uma oposição de traços, correlaciona-se a uma categoria do conteúdo. Nesse caso, a relação entre expressão e conteúdo deixa de ser convencional ou imotivada, pois os traços reiterados da expressão, além de ‘concretizarem’ os temas abstratos, instituem uma nova perspectiva de visão e de entendimento do mundo” BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. p. 89

14 “Récurrence d'un élément sémantique dans le déroulement syntagmatique d'un énoncé, produisant un effet de continuité et de permanence d'un effet de sens le long de la chaîne du discours”. BERTRAND, Denis. *Précis de Sémiotique Littéraire*. p. 262

Ainda que cada categoria da significação esteja agrupada com o traço semântico fundamental ao qual faz referência, a análise não pode dar-se por terminada, pois há ainda que se falar de um outro nível da significação que subjaz a oposição *vida/morte* neste discurso. Deve-se, portanto, considerar as relações de aceleração e desaceleração que já foram mencionadas no início deste artigo e como elas constróem o espaço e o tempo da enunciação. Para tanto, requer-se a aplicação do conceito da *missividade* e suas ferramentas teóricas para que a análise deste poema e sua posterior transcrição contem com mais um elemento significativo no arcabouço metodológico que as embasa.

3. A Missividade

O fazer missivo muito se assemelha à relatividade geral: nele, conforme o tempo se alarga, o espaço se comprime, e vice-versa¹⁵. Nessa relação inversamente proporcional de espaço e tempo encontra-se um novo nível de significação, que se situa antes até mesmo do nível fundamental: o nível tensivo. Quando a atuação do sujeito se comporta de modo a afirmar a aceleração e a continuidade, o espaço se abre ao passo que o tempo se fecha; já quando o sujeito nega esses valores, desacelerando e descontinuando a enunciação, o contrário ocorre, e o espaço se fecha ao passo que o tempo se abre. Segundo Zilberberg, ao primeiro movimento dá-se o nome de *fazer emissivo* e, ao segundo, de *fazer remissivo*¹⁶.

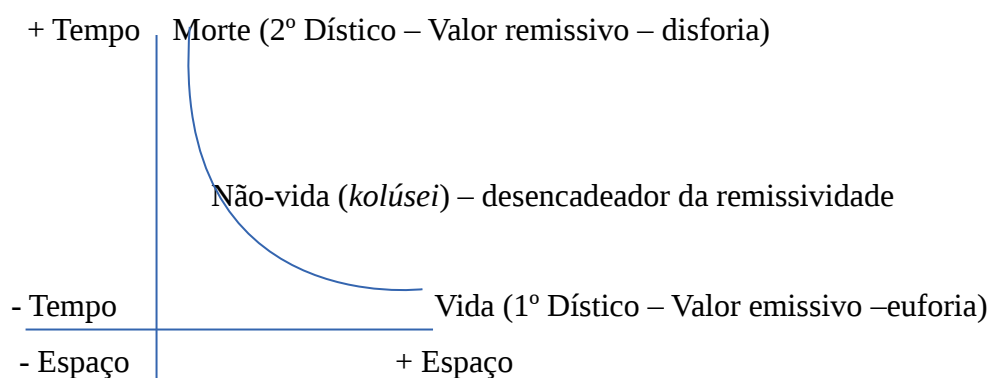
Retomando a análise do poema, percebe-se a pertinência da aplicação destes conceitos quando a relação da métrica, das moras, dos períodos e dos conteúdos dos versos são denunciadas por essa nova luz: o poema todo opera uma gradação que permanece perceptivelmente mais na vida e menos na morte, fazendo com que *a curta vida dos que gozam*, valor eminentemente emissivo, ocupe mais espaço em relação à longa morte, valor aqui considerado como remissivo. A emissividade é afirmada incessantemente no primeiro dístico por meio de enunciados de ação, e períodos breves e lépidos que se sobrepõem. O movimento inverso se inicia com o segundo dístico, que dilata o tempo em enunciados de estado e períodos mais longos e pesados; sendo que o fim de um destes períodos coincide com as três sílabas longas de *kolúsei*, que engenhosamente significa *impedirão* e se situa na cesura do pé do verso. O poder de condensação da ação que o autor opera nesta passagem é admirável. Por fim, só pode-se

15 ZILBERBERG, Claude. *Raison et Poétique du Sens*. p. 104

16 *Idem*.

falar em interrupção total e máxima remissividade no poema em sua última frase: “*kai tò télos thánatos*”, enunciado sem verbos que representa, assim, a contração do espaço e a dilatação do tempo por excelência. O autor, de maneira virtuosa, repete a estrutura inversamente proporcional da missividade na carne do poema, e seus versos refletem o desejo mais íntimo do amante: dilatar o máximo possível os momentos de convívio com o amado, numa tentativa fracassada de adiar a velhice e a morte inevitáveis.

Por fim, é possível organizar os valores missivos dispostos pelo poema no seguinte gráfico:



De posse dos valores missivos subjacentes à estrutura do discurso, é mais seguro aventar uma proposta de tradução que seja capaz de reunir os elementos e mecanismos poéticos que foram analisados.

4. A tradução do poema 5.12 de Rufino

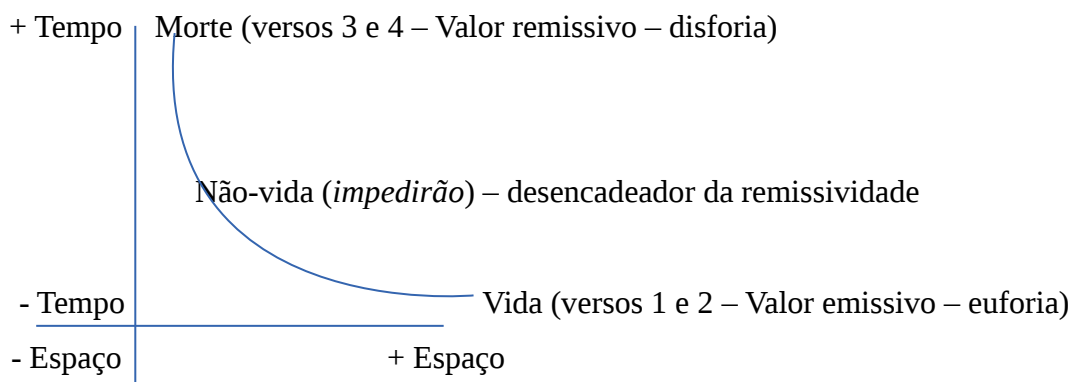
Tendo como linha guia os dados levantados até aqui, propõe-se a seguinte tradução para o poema 5.12 de Rufino:

“Depois do banho, Pródice, coroemo-nos e o puro
vinho entornemos, erguendo maiores taças.
Velhice e morte, no fim, impedirão o que nos resta:
de quem é dado aos prazeres, é curta a vida.”

Na tentativa de recriar o efeito métrico do dístico elegíaco, optou-se aqui por convertê-lo em versos alternados de dezesseis e doze sílabas poéticas, não rimados, com o intuito de trazer a atenção do leitor para os elementos rítmicos e sonoros que foram construídos. Dentre estes elementos, pode-se citar, no primeiro verso a assonância vocálica alternada entre os sons /o/ e /e/ (*coroemo-nos e o puro/Vinho entornemos*), que dão dinamicidade e leveza a um verso que tenta reproduzir a fluidez do original. O terceiro verso tenta operar a remissividade com moras, pontuações e hipérbatos que aumentam o tempo da enunciação (*Velhice e morte, no fim, impedirão o que nos resta/De quem é dado aos prazeres, é curta a vida*). No último verso, tentou-se recriar a natureza do vaticínio, invertendo-se a disposição dos conteúdos do original para que, além da correspondência da natureza sintática e morfológica dos enunciados fosse mantida, também fosse conservado o seu ar categórico e proverbial. A morte, que figurava como palavra final do poema em grego, é substituída por seu antônimo, vida, combatida pela disforia que lhe antecede.

Na esfera do sintático, a correspondência de enunciados de estado e de ação também foi mantida, bem como os espaços dedicados à afirmação e negação de cada traço semântico do nível fundamental, o que buscou garantir a mesma relação inversamente proporcional de espaço e tempo que fora explicitada no gráfico tensivo: a atividade verbal vai gradativamente diminuindo, até alcançar uma interrupção total manifesta pela ausência de ação garantida pela oração nominal do quarto verso (*De quem é dado aos prazeres, é curta a vida*).

Paralelamente ao poema original, os valores missivos da tradução podem ser representados neste gráfico:



4. Conclusão

Conforme já dito anteriormente, a proposta deste exercício analítico, bem como da tradução nele embasada, não tem por objetivo o esgotamento do debate entre semiótica e crítica literária. Ela almeja, sobretudo, solidificar um posicionamento acadêmico de que a arte da tradução poética tem muito que aproveitar da precisão e da acuidade garantidas pelo método científico da semiótica. A cisão que se costuma fazer entre estes discursos, que os dispõe em polos irreconciliáveis e conflitivos, não se sustenta, de fato, quando observada mais a fundo: ainda que arte e ciência sejam discursos com validades autônomas, a sua cooperação mútua busca trazer grandes ganhos para ambas.

Espera-se que, através desta reunião de técnicas, seja possível tomar “*elementos de utopia e sensibilidade que estão inscritos no passado e que podem ser liberados como estilhaços ou fragmentos para fazer face a um projeto transformativo do presente, a iluminar o presente.*”¹⁷

5. Bibliografia

5.1 Obras Citadas

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. Ática: São Paulo, 2007
- BERTRAND, Denis. *Précis de Sémiotique Littéraire*. Nathan: Paris, 2000
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e Significação*. Humanitas: São Paulo, 2001
- FAIN, Gordon. *Ancient Greek Epigrams*. University of California Press: Berkeley, 2010
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Cultrix: São Paulo, 2010
- LAURENS, Pierre. *L'Abeille dans L'Ambre*. Les Belles Lettres, Paris: 1989
- LUDWIG, Walther. *Plato's Love Epigrams*. Palestra dada na Universidade de Colúmbia em 22/03/1963: Disponível em:
<grbs.library.duke.edu/article/download/12091/401312>
- PATON, W. R. *The Greek Anthology. Vol I*. William Heinemann: Londres, 1920
- PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica*. Perspectiva: São Paulo, 2010
- SMITH, William. *A dictionary of Greek and Roman biography and mythology*. Disponível em:
<<http://quod.lib.umich.edu/cgi/t/text/text-idx?c=moa;idno=ACL3129.0003.001>>
- ZILBERBERG, Claude. *Raison et Poétique du Sens*. Presses Universitaires de France: Paris, 1988

5.2 Obras de Referência

- BING, Peter. *Brill's Companion to Hellenistic Epigram*. Brill: Boston, 2007

17 PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica*. p. 7

- CAMERON, Alan. *The Greek Anthology From Meleager to Planudes*. Clarendon Press Oxford: Oxford, 2003
- COURTÉS, J; GREIMAS, A. J. *Dicionário de Semiótica*. Contexto: São Paulo, 2013
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. Cultrix: São Paulo, 1992
- GREIMAS, A. J. *Du Sens*, vol. II. Éditions du Seuil: Paris, 1983
- JAKOBSON, Roman. *Poética em Ação*. Perspectiva: São Paulo, 2012
- PAGE, Denis L. *Further Greek Epigrams*. Cambridge University Press, Cambridge: 2008